



# MAIS ESCURO

E L JAMES

CINQUENTA TONS MAIS ESCUROS  
PELOS OLHOS DE CHRISTIAN



**MAIS ESCURO**



# MAIS ESCURO

E L JAMES

CINQUENTA TONS MAIS ESCUROS  
PELOS OLHOS DE CHRISTIAN

TRADUÇÃO DE  
ANDREA GOTTLIEB,  
CATHARINA PINHEIRO E  
REGIANE WINARSKI



Copyright © 2011, 2017 by Fifty Shades Ltd.

TÍTULO ORIGINAL  
Darker

PREPARAÇÃO  
Juliana Pitanga  
Juliana Werneck  
Paula de Carvalho

REVISÃO  
Milena Vargas

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA  
Sqicedragon e Megan Wilson

FOTO DE CAPA DE CONTRACAPA  
© Petar Djordjevic/Penguin Random House e © Shutterstock

ADAPTAÇÃO  
Márcia Quintella

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J81m

James, E L, 1963-  
Mais escuro : cinquenta tons mais escuros pelos olhos de  
Christian / Tradução de Andrea Gottlieb, Catharina Pinheiro e Re-  
giane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.  
496 p. ; 23 cm.

Tradução de: Darker  
ISBN 978-85-510-0283-4

1. Romance inglês. I. Gottlieb, Andrea. II. Pinheiro, Cathari-  
na. III. Winarski, Regiane. IV. Título.

17-45700

CDD: 823  
CDU: 821.111-3

[2018]  
*Todos os direitos desta edição reservados à*  
Editora Intrínseca Ltda.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

Para os meus leitores.  
Obrigada por tudo o que fizeram por mim.  
Este livro é para vocês.



## AGRADECIMENTOS

---

Obrigada a:

Todos na Vintage, pela dedicação e pelo profissionalismo. Sempre me inspiro na expertise, no bom humor e no amor de vocês pela palavra escrita.

Anne Messitte, pela fé que tem em mim. Tenho uma dívida eterna com você.

Tony Chirico, Russell Perreault e Paul Bogaards pelo apoio inestimável.

Maravilhosas equipes de produção, editorial e design que fizeram juntas este projeto: Megan Wilson, Lydia Buechler, Kathy Hourigan, Andy Hughes, Chris Zucker e Amy Brosey.

Niall Leonard, pelo amor, apoio, aconselhamento, e por estar menos rabugento.

Valerie Hoskins, minha agente. Obrigada por tudo todos os dias.

Kathleen Blandino, pela prova de revisão e por todas as coisas na internet.

Brian Brunetti, mais uma vez, pelo conhecimento inestimável sobre acidentes de helicóptero.

Laura Edmonston, por compartilhar o que sabe sobre o Noroeste Pacífico.

Professor Chris Collins, pelos esclarecimentos sobre ciência do solo.

Ruth, Debra, Helena e Liv pelo encorajamento, pelos caça-palavras e por me convencer a terminar este desafio.

Dawn e Daisy, pela amizade e pelos conselhos.

Andrea, BG, Becca, Bee, Britt, Catherine, Jada, Jill, Kellie, Kelly, Leis, Liz, Nora, Raizie, QT, Susi — quantos anos fazem? E continuamos cheias de energia. Obrigada pelos americanismos.

Todos os meus amigos autores e do mundo do livro — vocês sabem quem são — que me inspiram todos os dias.

Por último, quero agradecer aos meus filhos. Amo vocês incondicionalmente. Sempre terei muito orgulho dos rapazes maravilhosos que se tornaram. Vocês me encham de alegria. Continuem assim. Os dois.





## QUINTA-FEIRA, 9 DE JUNHO DE 2011

---

**E**stou sentado. Esperando. Meu coração bate acelerado. São 17h36 e estou olhando fixamente pelo vidro fumê do meu Audi para a porta de entrada do prédio onde ela trabalha. Sei que cheguei cedo, mas passei o dia todo esperando este momento.

*Vou vê-la.*

Eu me remexo no banco de trás do carro. Parece abafado, e por mais que eu tente manter a calma, a animação e a ansiedade formam um nó em meu estômago e comprimem meu peito. Taylor está sentado no banco do motorista, olhando para a frente, mudo, em sua postura habitual, enquanto mal consigo respirar. É irritante.

*Droga. Cadê ela?*

Está lá dentro, na Seattle Independent Publishing. O prédio, do outro lado da calçada ampla e desimpedida, é velho e precisa de uma reforma; o nome da empresa foi gravado de qualquer jeito no vidro e o efeito jateado da janela está descascando. Por trás das portas fechadas poderia haver uma empresa de seguros ou de contabilidade, afinal não há mercadoria em exibição. Bem, posso corrigir isso quando assumir o controle. A SIP é minha. Quase. Já assinei as linhas gerais do acordo.

Taylor pigarreia e seus olhos se voltam por um instante para os meus no retrovisor.

— Vou aguardar lá fora, senhor — diz ele, me surpreendendo, e sai do carro antes que eu possa impedi-lo.

Talvez ele esteja mais afetado com minha tensão do que imaginei. Sou tão transparente assim? Pode ser que *ele* esteja tenso. Mas por quê? Quer dizer, com exceção do fato de que precisou lidar com meus humores totalmente inconstantes esta semana. Sei que não tenho sido fácil.

Mas hoje foi diferente. Estou esperançoso. É meu primeiro dia produtivo desde que ela me deixou, ou pelo menos é a impressão que eu tenho. O otimismo me

deu o estímulo necessário durante as reuniões. Dez horas para vê-la. Nove. Oito. Sete... Minha paciência foi testada pelo relógio que mostrava as horas até meu reencontro com a Srta. Anastasia Steele.

E agora que estou aqui sentado, sozinho, aguardando, a determinação e a confiança que senti o dia todo evaporaram.

*Talvez ela tenha mudado de ideia.*

*Vai ser um reencontro? Ou será que não passo de uma carona para Portland?*

Confiro o relógio outra vez.

17h38.

*Merda. Por que o tempo passa tão devagar?*

Penso em mandar um e-mail para ela avisando que estou aqui fora, mas enquanto procuro o celular percebo que não quero desviar os olhos da porta do prédio. Eu me recosto no banco e repasso na mente os últimos e-mails que recebi dela. Sei todos de cor, são simpáticos e concisos, porém sem qualquer indício de que esteja sentindo minha falta.

*Talvez eu seja uma carona.*

Afasto o pensamento e olho fixamente para a entrada, desejando que ela apareça.

*Anastasia Steele, estou esperando.*

A porta se abre e meu coração acelera loucamente, mas então se acalma, decepcionado. Não é ela.

*Droga.*

Ela sempre me deixa esperando. Um sorriso constrangido ergue os cantos da minha boca: esperei na Clayton's, no Heathman depois da sessão de fotos e novamente quando mandei os livros de Thomas Hardy para ela.

*Tess...*

Será que ela ainda tem os livros? Queria devolver para mim ou doá-los para uma instituição de caridade.

“Não quero nada que me lembre de você.”

Relembro Ana indo embora; seu rosto pálido e triste marcado por mágoa e confusão. A lembrança não é bem-vinda. É dolorosa.

Por culpa minha ela está tão infeliz. Fui longe demais, rápido demais. E isso me enche desespero. Esse sentimento se tornou muito familiar desde que ela se foi. Fechando os olhos, tento me centrar, mas confronto meu medo mais profundo e sombrio: ela conheceu outra pessoa. Está dividindo sua cama branca e seu lindo corpo com um desconhecido de merda.

*Droga, Grey. Pense positivo.*

Não pense nisso. Nem tudo está perdido. Você vai vê-la em breve. Seus planos estão caminhando. Você vai reconquistá-la. Abro os olhos e me concen-

tro novamente na porta do prédio, observando-a através do vidro sombrio do Audi que reflete meu humor. Mais pessoas saem do prédio, porém nada de Ana.

*Cadê ela?*

Taylor anda de um lado para outro, com os olhos fixos na porta do edifício. Caramba, ele parece tão nervoso quanto eu. *Que diferença faz para ele?*

Meu relógio marca 17h43. Ela já vai sair. Respiro fundo e puxo os punhos da camisa, então tento endireitar a gravata, mas percebo que não estou usando uma. *Droga.* Passo a mão pelo cabelo enquanto tento descartar minhas dúvidas, que continuam me assombrando. *Será que não passo de uma carona para ela? Será que sentiu minha falta? Será que me quer de volta? Ela tem outra pessoa? Não faço ideia.* Isso é pior do que esperar por ela no Marble Bar, e não deixo de notar a ironia. Achei que aquela seria a maior negociação que eu faria com ela, e não consegui o resultado que esperava. Nunca consigo o resultado que espero com a Srta. Anastasia Steele. O pânico mais uma vez se transforma em um nó em meu estômago. Hoje vou tentar uma negociação ainda maior.

Eu a quero de volta.

*Ela disse que me amava...*

Meu coração acelera em resposta à adrenalina que invade meu corpo.

*Não. Não. Não pense nisso. Ela não pode sentir isso por mim.*

*Fique calmo, Grey. Concentre-se.*

Olho mais uma vez para a entrada da Seattle Independent Publishing e lá está ela, vindo em minha direção.

*Porra.*

Ana.

O choque me deixa sem fôlego, como se eu tivesse levado um chute no plexo solar. Por baixo de uma jaqueta preta, ela está usando um dos meus vestidos preferidos, o roxo, com botas pretas de salto alto. Seu cabelo, brilhante por causa da luz do sol da tarde, balança ao vento enquanto ela se movimenta. Mas não é sua roupa ou seu cabelo que chama minha atenção. Seu rosto está pálido, quase translúcido. Há olheiras sob seus olhos, e ela está mais magra.

*Mais magra.*

Sou tomado de dor e culpa.

*Meu Deus.*

Ela também sofreu.

Minha preocupação com sua aparência se transforma em raiva.

*Não. Em fúria.*

Ela não tem se alimentado. Perdeu... o quê? Dois ou três quilos nos últimos dias? Ana olha para um sujeito qualquer atrás dela e ele lhe dá um grande sorris-

so. É um filho da puta bonito, cheio de si. *Babaca*. A interação casual entre os dois só aumenta minha raiva. Ele a observa com uma franca apreciação masculina enquanto ela se aproxima do carro, e minha fúria aumenta a cada passo de Ana.

Taylor abre a porta e oferece a mão para ajudá-la a entrar. De repente, ela está sentada ao meu lado.

— Quando foi a última vez que você comeu? — pergunto, irritado, me esforçando para manter a compostura.

Seus olhos azuis se voltam para mim, me despindo e me deixando tão atordoado quanto na primeira vez em que a vi.

— Oi, Christian. Bom ver você também — diz ela.

Puta. Que. Pariu.

— Nada de bancar a espertinha — disparo. — Responda.

Anastasia observa as próprias mãos no colo, e não faço ideia do que está pensando, então ela inventa alguma desculpa boba sobre ter comido um iogurte e uma banana.

*Isso não é comer!*

Eu tento, tento de verdade, controlar meu temperamento.

— Quando foi a última vez que você fez uma refeição de verdade? — insisto, mas ela me ignora, olhando pela janela.

Taylor afasta o carro da calçada e Ana acena para o babaca que a seguiu até o lado de fora do prédio.

— Quem é?

— Meu chefe.

Então aquele é Jack Hyde. Eu me lembro dos detalhes sobre os funcionários, afinal dei uma olhada nisso de manhã: nasceu em Detroit, recebeu bolsa de estudos em Princeton, foi promovido em uma editora de Nova York, mas se mudou várias vezes e já trabalhou em muitas partes do país. As assistentes dele nunca duram; não ficam mais de três meses. Ele está na minha lista de suspeitos, e Welch vai descobrir mais coisas.

*Concentre-se no assunto de agora, Grey.*

— E então? Sua última refeição?

— Christian, isso não é da sua conta — sussurra ela.

— O que quer que você faça é da minha conta. Fale logo.

Não me dispense, Anastasia. *Por favor.*

*Sou a carona.*

Ela suspira, frustrada, e revira os olhos só para me irritar. Então eu vejo: um sorriso discreto erguendo os cantos da sua boca. Ela está tentando não rir. Está tentando não rir *de mim*. Depois de todo o sofrimento que vivi, isso é tão revigo-

rante que ultrapassa minha raiva. É tão Ana... Percebo que estou espelhando a expressão dela e tento disfarçar meu sorriso.

— E então? — pergunto, com um tom de voz mais suave.

— *Pasta alla vongole*, sexta passada — responde ela com uma voz dócil.

Caramba, ela não come desde nossa última refeição juntos! Quero colocá-la no colo e dar umas palmadas agora mesmo, aqui no banco de trás do carro, porém sei que nunca mais vou poder tocá-la desse jeito.

*O que faço com ela?*

Ana olha para baixo, examinando as mãos, o rosto mais pálido e triste do que antes. Eu a absorvo, tentando descobrir o que fazer. Uma emoção indesejada invade meu peito, ameaçando me soterrar. Ignorando isso, eu a observo e fica dolorosamente óbvio para mim que meu maior medo é infundado. Sei que Anastasia não ficou bêbada e conheceu alguém. Observando a aparência dela, sei que ficou sozinha, encolhida na cama, chorando sem parar. A descoberta é ao mesmo tempo tranquilizadora e angustiante. Sou responsável pela sua infelicidade.

*Eu.*

Eu sou o monstro. Fiz isso com ela. Como posso reconquistá-la algum dia?

— Entendo.

As palavras soam inadequadas. De repente, minha tarefa parece muito aterrozante. Ela nunca vai me querer de volta.

*Controle-se, Grey.*

Tento conter meu medo e faço um apelo.

— Parece que, desde então, você perdeu pelo menos uns dois quilos, talvez mais. Por favor, Anastasia, volte a comer.

Estou desesperado. O que mais posso dizer?

Ela está sentada sem se mexer, perdida em pensamentos, com o olhar fixo à frente, então aproveito o tempo para observar seu perfil. É tão delicada, doce e linda quanto lembro. Quero esticar o braço e acariciar sua bochecha. Sentir como sua pele é macia... Conferir que ela é real. Eu me viro em sua direção, morrendo de vontade de tocá-la.

— Como você está? — pergunto, porque quero ouvir sua voz.

— Se eu dissesse que estou bem, estaria mentindo.

*Droga.* Estou certo. Ela está sofrendo... e é tudo culpa minha. Mas suas palavras me dão um pingão de esperança. Talvez tenha sentido minha falta. Quem sabe? Desesperado, me agarro a essa possibilidade.

— Eu também. Sinto sua falta — confesso, e estendo o braço para segurar sua mão porque não posso viver nem mais um minuto sequer sem tocá-la.

Sua mão, envolvida pelo calor da minha, parece pequena e gelada.

— Christian, eu... — Ela se interrompe, a voz falhando, mas não puxa a mão.

— Ana, por favor. Nós precisamos conversar.

— Christian, eu... por favor... Eu chorei muito — sussurra ela.

Ouvir suas palavras e vê-la tentando conter as lágrimas perfuram o que restou do meu coração.

— Ah, baby, não.

Puxo sua mão e, antes que ela possa reclamar, apoio-a no meu colo, passando os braços ao seu redor.

*Ah, sentir o corpo dela.*

— Senti tanto a sua falta, Anastasia.

Ela está leve demais, frágil demais, e quero gritar de frustração, mas em vez disso enfio o nariz em seu cabelo, imediatamente dominado pelo cheiro inebriante dela. Esse aroma me faz lembrar de tempos mais felizes: um pomar no outono. Risada em casa. Olhos brilhantes, repletos de bom humor, travessura e... desejo. Minha doce, doce Ana.

*Minha.*

A princípio, ela fica tensa e resiste, mas depois de um instante relaxa junto a mim, com a cabeça apoiada em meu ombro. Encorajado, eu me arrisco e, fechando os olhos, beijo seu cabelo. Ela não se esforça para sair do meu abraço, o que é um alívio. Tenho desejado esta mulher. Mas preciso ser cuidadoso. Não quero que ela fuja outra vez. Eu a abraço, curtindo a sensação de tê-la por perto neste momento simples de tranquilidade.

Mas é um breve interlúdio: Taylor chega em tempo recorde ao heliporto do centro da cidade.

— Vamos. — Com relutância, eu a tiro do colo. — Chegamos.

Olhos perplexos buscam os meus.

— Heliporto, no alto deste edifício — explico.

Como ela achava que iríamos a Portland? Demoraríamos pelo menos três horas de carro. Taylor abre a porta e eu saio pelo meu lado do carro.

— Eu preciso devolver seu lenço — diz ela a Taylor com um sorriso tímido.

— Fique com ele, Srta. Steele, com os meus melhores cumprimentos.

*Que diabo está acontecendo entre eles?*

— Nove? — interrompo, não só para lembrá-lo da hora em que deve nos buscar em Portland, mas para que ele pare de falar com Ana.

— Sim, senhor — diz Taylor baixinho.

*Isso mesmo.* Ela é a minha garota. Lenços são minha função. Não dele.

Passam pela minha mente flashes de imagens de Ana vomitando no chão e eu segurando seu cabelo. Eu lhe dei um lenço nessa ocasião, e nunca o recuperei. Mais tarde na mesma noite observei-a dormir ao meu lado. Talvez ela ainda tenha o lenço. Talvez ainda use.

*Pare. Agora. Grey.*

Segurando sua mão — o frio passou, mas a mão de Ana continua gelada —, eu a levo para dentro do prédio. Quando chegamos ao elevador, me lembro do nosso encontro no Heathman. Aquele primeiro beijo.

*É. Aquele primeiro beijo.*

O pensamento desperta meu corpo.

Mas as portas se abrem, distraíndo-me, e relutantemente solto sua mão para que ela entre.

O elevador é pequeno e não estamos mais nos tocando. Mas sinto sua presença.

Toda ela.

Aqui. Agora.

*Merda. Engulo em seco.*

Será que é porque ela está muito perto? Olhos escurecidos fitam os meus.

*Ah, Ana.*

Sua proximidade é excitante. Ela inspira de repente e olha para o chão.

— Também estou sentindo — sussurro, segurando novamente sua mão e acariciando os nós dos seus dedos com o polegar.

Ela ergue o olhar na minha direção, seus olhos insondáveis encobertos de desejo.

*Merda. Eu a quero.*

Ana morde o lábio.

— Por favor, Anastasia, não morda o lábio. — Minha voz sai grave, cheia de desejo.

Será que sempre vou desejá-la tanto assim? Quero beijá-la, prensá-la na parede do elevador como fiz no nosso primeiro beijo. Quero fodê-la aqui e torná-la minha outra vez. Ela pisca, os lábios ligeiramente entreabertos, e eu contenho um gemido. Como ela faz isso? Como me faz perder o controle com um olhar? Estou acostumado a ter controle... mas fico praticamente babando por ela porque seus dentes estão pressionando o lábio.

— Você sabe como me deixa quando faz isso — murmuro.

Agora mesmo, baby, quero possuí-la neste elevador, mas acho que você não vai deixar.

As portas se abrem e a lufada de ar frio me traz de volta ao presente. Estamos no topo do prédio, e, embora o dia tenha sido quente, o vento está mais forte. Anastasia estremece ao meu lado. Passo o braço em torno dela e a puxo para perto. Ela parece magra demais, porém seu corpo esguio se encaixa perfeitamente debaixo do meu braço.

*Está vendo? Nós nos encaixamos muito bem, Ana.*

Seguimos pelo heliporto em direção ao *Charlie Tango*. Os rotores giram com delicadeza: o helicóptero está pronto para decolar. Stephan, meu piloto, se aproxi-



ma correndo de nós. Trocamos um aperto de mão e eu mantenho Anastasia de baixo do braço.

— Tudo pronto, senhor. Ele é todo seu! — grita Stephan para que seja possível escutá-lo acima do som dos rotores do helicóptero.

— Já fez todas as verificações?

— Sim, senhor.

— Você pode pegá-lo lá pelas oito e meia?

— Sim, senhor.

— Taylor está esperando por você lá embaixo.

— Obrigado, Sr. Grey. Tenha um bom voo até Portland. Senhora.

Ele cumprimenta Anastasia e segue para o elevador, que o aguarda. Nós nos abaixamos para passar pelos rotores e eu abro a porta, segurando a mão dela para ajudá-la a subir.

Enquanto coloco seu cinto, ela prende a respiração. Esse ruído ecoa diretamente na minha virilha. Aperto bastante o cinto, tentando ignorar a reação do meu corpo.

— Isso deve mantê-la segura — balbucio. Um pensamento surge em minha mente, e então percebo que falei em voz alta: — Tenho que admitir que gosto de ver você presa assim. Não toque em nada.

Ela cora. Até que enfim um pouco de cor em seu rosto... e eu não resisto. Passo o dorso do indicador em sua bochecha, acompanhando o rubor.

*Meu Deus, como quero essa mulher.*

Ela franze a testa, e sei que é porque não pode se mover. Eu lhe entrego fones de ouvido, sento-me e coloco o cinto.

Faço as verificações que antecedem o voo. Todos os instrumentos no painel estão verdes, sem qualquer luz de alerta. Deixo a alavanca em posição de voo, determino o código do transmissor-receptor e verifico que a luz anticolisão está ligada. Tudo parece em ordem. Coloco os fones de ouvido, ligo os rádios e verifico as rotações por minuto do rotor.

Quando me viro para Ana, ela está me observando atentamente.

— Pronta?

— Pronta.

Está animada e de olhos bem abertos. Não consigo conter um sorriso voraz enquanto falo com a torre por radiotransmissão para me assegurar de que estão prestando atenção e escutando.

Quando tenho permissão para decolar, verifico a temperatura do óleo e também as outras medições. Está tudo dentro das faixas normais de operação, portanto ergo a alavanca, e *Charlie Tango*, como o elegante pássaro que é, sobe suavemente no ar.

Ah, eu amo isso.

Sinto-me um pouco mais confiante conforme ganhamos altitude. Então olho para a Srta. Steele ao meu lado.

Chegou o momento de impressioná-la.

*Hora do show, Grey.*

— Já perseguimos o amanhecer, Anastasia, agora vamos atrás do crepúsculo.

Eu sorrio e em retribuição recebo um sorriso tímido que ilumina seu rosto. A esperança se agita em meu peito. Eu a tenho aqui, comigo, mesmo achando que tudo estava perdido. Ela parece estar se divertindo e mais feliz do que quando saiu do escritório. Posso ser apenas uma carona, mas vou tentar aproveitar cada minuto desse voo com ela.

O Dr. Flynn ficaria orgulhoso.

Estou vivendo o momento. E estou otimista.

Dou conta disso. Posso reconquistá-la.

*Devagar, Grey. Não se precipite.*

— E, com o sol da tarde, há mais para ser visto desta vez — digo, quebrando o silêncio. — Ali fica o Escala. Ali é a Boeing, e, lá atrás, dá para ver o Space Needle.

Ela estica o pescoço fino para olhar, curiosa como sempre.

— Nunca fui lá — diz.

— Eu levo você, a gente podia comer lá.

— Christian, nós terminamos — afirma ela, com a voz consternada.

Não é isso que quero ouvir, porém tento não reagir de forma exagerada.

— Eu sei. Mas ainda posso levar você lá e alimentar você.

Lanço um olhar penetrante para ela, que cora, seu rosto adquirindo um adorável tom claro de rosa.

— É muito bonito aqui, obrigada — diz ela, e percebo que está mudando de assunto.

— Impressionante, não é? — concordo, pois ela tem razão.

Nunca me canso dessa vista.

— É impressionante que você possa fazer isso.

Seu elogio me surpreende.

— Elogios vindos de você, Srta. Steele? Sou um homem de muitos talentos — provoco.

— Tenho total consciência disso, Sr. Grey — diz ela com amargura.

Contenho um sorriso ao imaginar a que está se referindo. Foi disso que senti falta: sua impertinência me desarmando o tempo todo.

*Continue conversando, Grey.*

— Como vai o novo emprego?

— Bem, obrigada. É interessante.

— E como é o seu chefe?

— Ah, ele é legal.

Ela não parece nada entusiasmada com Jack Hyde. Será que ele tentou algo com ela?

— Qual é o problema? — pergunto.

Quero saber... Será que o babaca tentou alguma coisa inapropriada? Vou demiti-lo na mesma hora se ele tiver feito algo.

— Fora o óbvio, nada.

— O óbvio?

— Ah, Christian, às vezes você é realmente muito estúpido.

Ela me olha com um desprezo divertido.

— Estúpido? Eu? Não sei se gosto do seu tom, Srta. Steele.

— Bem, problema seu — brinca ela, cheia de si, me fazendo rir.

Gosto que ela zombe de mim e me provoque. É capaz de me fazer sentir minúsculo ou gigante com um simples olhar ou um sorriso... É revigorante e diferente de tudo o que já experimentei.

— Senti saudade do seu atrevimento.

Uma imagem dela de joelhos à minha frente surge na minha cabeça e me remexo no banco.

*Merda. Concentre-se, Grey.* Ela desvia o olhar, escondendo um sorriso, e observa a região do subúrbio passando lá embaixo enquanto eu verifico a direção: está tudo certo. Estamos a caminho de Portland.

Ana está quieta e de vez em quando olho furtivamente para ela. Seu rosto está iluminado de curiosidade e fascínio enquanto espia a paisagem e o céu opala. Suas bochechas parecem macias e brilham com a luz do entardecer. Apesar de sua palidez e das olheiras — indício do sofrimento que lhe causei —, está deslumbrante. Como posso ter deixado que ela saísse da minha vida?

*No que eu estava pensando?*

Enquanto avançamos velozmente acima das nuvens, bem alto no céu em nossa bolha, meu otimismo aumenta e o tumulto da semana anterior é atenuado. Aos poucos, começo a relaxar, apreciando uma serenidade que não sentia desde que ela se foi. Poderia me acostumar com isso. Eu me esqueci de como ficava contente na companhia dela. E é revigorante ver meu mundo pelo ponto de vista de Ana.

Mas à medida que nos aproximamos do nosso destino, minha confiança vacila. Estou torcendo para que meu plano funcione. Preciso levá-la a um lugar privativo. Para jantar, talvez. *Droga.* Eu deveria ter reservado algum restaurante.

Ela precisa ser alimentada. Se eu conseguir levá-la para jantar, então só terei que encontrar as palavras certas. Os últimos dias me mostraram que preciso de

alguém... Preciso dela. Quero estar com Ana, mas será que ela vai me aceitar de volta? Será que consigo convencê-la a me dar uma segunda chance?

Só o tempo dirá, Grey... Relaxe. Não a assuste outra vez.

QUINZE MINUTOS DEPOIS, POUSAMOS no único heliporto de Portland. Enquanto diminuo a velocidade dos rotores do *Charlie Tango* e desligo o transmissor-receptor, o combustível e os rádios, a insegurança que sinto desde que decidi reconquistá-la volta à tona. Preciso dizer a ela como me sinto, e vai ser difícil... porque não entendo meus sentimentos. Sei que senti sua falta, que fiquei infeliz sem ela e que estou disposto a tentar me relacionar do seu jeito. Mas será que vai ser suficiente para ela? Será que vai ser suficiente para mim?

*Converse com ela, Grey.*

Depois de tirar o cinto, me inclino para soltar o dela e inalo um pouco da sua fragrância doce. Como sempre, ela está cheirosa. Seu olhar encontra o meu por um instante furtivo, como se estivesse tendo algum pensamento inapropriado. O que será que está passando em sua cabeça? Como de costume, eu adoraria saber, mas não faço ideia.

— Fez boa viagem, Srta. Steele? — pergunto.

— Sim, obrigada, Sr. Grey.

— Bem, vamos lá ver as fotos daquele garoto.

Abro a porta, pulo para descer e estendo a mão para ela.

Joe, o administrador do heliporto, está aguardando para nos cumprimentar. Ele próprio é uma relíquia: é um veterano da guerra da Coreia, mas ainda é tão ágil e perspicaz quanto um homem de cinquenta e tantos anos pode ser. Nada lhe passa despercebido. Seus olhos se iluminam quando abre um sorriso enrugado para mim.

— Joe, tome conta dele para Stephan. Ele vai chegar lá pelas oito ou nove.

— Certo, Sr. Grey. Senhora. Seu carro está esperando lá embaixo, senhor. Ah, e o elevador está quebrado, vão ter que usar a escada.

— Obrigado, Joe.

Enquanto seguimos até a escada de emergência, noto o salto alto de Anastasia e me lembro da sua queda nada glamorosa em meu escritório.

— Usando esses saltos, sorte sua serem só três andares.

Disfarço um sorriso.

— Não gostou das botas? — indaga ela, olhando para os próprios pés.

Uma visão agradável daquelas botas sobre meus ombros me vem à mente.

— Gostei muito, Anastasia — murmuro, torcendo para que minha expressão não revele meus pensamentos lascivos. — Vamos com calma. Não quero que você caia e quebre o pescoço.

Fico grato que o elevador não esteja funcionando, porque isso me dá uma desculpa plausível para abraçá-la. Passo o braço em torno da cintura dela, puxo-a para perto e descemos a escada.

No carro, a caminho da galeria, minha ansiedade aumenta. Estamos prestes a comparecer a uma exposição do seu suposto amigo. O homem que, na última vez que o vi, tentava enfiar a língua dentro da boca de Anastasia. Talvez eles tenham se falado nos últimos dias. Talvez esse seja um encontro pelo qual os dois vêm aguardando ansiosamente há muito tempo.

*Merda*, eu não tinha pensado nessa possibilidade. Espero que não seja nada disso.

— José é só um amigo — diz Ana baixinho.

*O quê?* Ela sabe o que estou pensando? Sou tão óbvio assim? Desde quando? *Desde que ela me desarmou totalmente. Desde que descobri que preciso dela.*

Ana me encara e meu estômago se revira.

— Esses lindos olhos estão grandes demais no seu rosto, Anastasia. Por favor, prometa-me que você vai comer.

— Prometo que vou comer, Christian — responde ela, mas não parece muito sincera.

— Estou falando sério.

— Ah, é?

Seu tom de voz é sarcástico, e quase fico sem reação.

*Que se dane.*

Está na hora de me declarar.

— Não quero brigar com você, Anastasia. Quero você de volta, e quero você saudável.

Fico honrado com sua expressão de choque e seus olhos arregalados.

— Mas nada mudou — diz ela, sua expressão sendo substituída por um cenho franzido.

*Ah, Ana, mudou, sim...* Senti um abalo sísmico dentro de mim.

Estacionamos diante da galeria e percebo que antes do evento não terei tempo de explicar.

— Chegamos. Na volta a gente conversa.

Antes que ela possa dizer que não está interessada, desço do carro, dou a volta até o seu lado e abro a porta. Ela parece brava ao sair.

— Por que você faz isso? — reclama ela, exasperada.

— Isso o quê?

*Merda...* *Sobre o que ela está falando?*

— Você fala uma coisa dessas e depois para.

É só isso? Por esse motivo ela está brava?

— Anastasia, nós chegamos. No lugar em que você queria estar. Agora nós vamos entrar, e depois conversamos. Eu realmente não quero fazer uma cena no meio da rua.

Ela comprime os lábios formando um biquinho petulante, então diz, com má vontade:

— Certo.

Seguro sua mão e entro depressa na galeria. Ela me segue, atrapalhada.

O espaço é iluminado e arejado. É um daqueles armazéns reformados que estão na moda, com piso de madeira e paredes de tijolos. Os entendedores de arte de Portland bebericam vinho barato e conversam aos sussurros enquanto admiram a exposição.

Uma jovem nos cumprimenta.

— Boa noite e bem-vindos à exposição de José Rodriguez.

Ela me encara.

*Isto aqui é só fachada, querida. Olhe para outro lugar.*

Ela fica confusa, mas parece se recuperar quando vê Anastasia.

— Ah, Ana, é você. Nós também vamos querer a sua opinião a respeito disso tudo.

Ela lhe entrega um folheto e nos indica o bar improvisado. Ana franze a testa, formando aquele pequeno *v* que eu adoro acima do nariz. Quero beijá-lo, como já fiz.

— Você a conhece? — pergunto.

Ela balança a cabeça, franzindo ainda mais a testa. Dou de ombros. *Bem, isso é Portland.*

— O que você quer beber?

— Vinho branco, obrigada.

Enquanto sigo para o bar, ouço um grito animado.

— Ana!

Eu me viro e vejo *aquele cara* com os braços em volta da minha garota.

*Que inferno.*

Não consigo ouvir o que estão conversando, mas Ana fecha os olhos, e por um instante terrível acho que vai começar a chorar. Mas ela mantém a compostura enquanto ele a segura com os braços esticados, observando-a.

*Sim, ela está magra desse jeito por minha causa.*

Tento conter a culpa que sinto, embora tenha a impressão de que ela está tentando tranquilizá-lo. Por outro lado, ele parece interessado para cacete nela. Interessado demais. A raiva irrompe no meu peito. Ana diz que José é só um amigo, mas é evidente que não é assim que ele se sente. Ele quer mais.

*Cai fora, cara, ela é minha.*

— O trabalho dele é impressionante, não acha?

Um jovem calvo com uma camisa espalhafatosa me distrai.

— Ainda não olhei direito — respondo, e me viro para o barman. — É só isso que vocês têm?

— Aham. Tinto ou branco? — pergunta ele, parecendo desinteressado.

— Duas taças de vinho branco — resmungo.

— Acho que você vai ficar impressionado. Rodriguez tem um olhar único — diz o idiota com aquela camisa irritante.

Eu o ignoro e dou uma olhada em Ana. Ela está me encarando, os olhos grandes e brilhantes. Meu sangue ferve, e é impossível desviar os olhos. Ela é um farol na multidão, e estou perdido em seu olhar. Ela está sensacional. O cabelo emoldurando o rosto e caindo em uma cascata deslumbrante que ondula sobre os seios. O vestido, mais largo do que eu lembrava, destaca suas curvas. Talvez ela o tenha escolhido de propósito. Sabe que é meu favorito, não sabe? Vestido sensual, botas sensuais...

*Porra. Controle-se, Grey.*

Rodriguez faz uma pergunta a Ana, que é forçada a interromper o contato visual comigo. Percebo que ela reluta em fazer isso, o que me agrada. Mas, que droga, o cara tem dentes perfeitos, ombros largos e usa um terno elegante. É um filho da puta bonito para um maconheiro, preciso admitir. Ela assente para alguma coisa que ele diz, dando um sorriso simpático e despreocupado.

Eu gostaria que ela sorrisse assim para mim. Ele se inclina e lhe dá um beijo na bochecha. *Maldito.*

Olho com raiva para o barman.

*Vamos logo, cara.* Ele está demorando uma eternidade para servir o vinho, esse idiota incompetente.

Finalmente ele termina. Pego as taças, ignoro o cara ao meu lado que está falando sobre outro fotógrafo ou qualquer merda do tipo, e vou até Ana.

Pelo menos, Rodriguez a deixou em paz. Ela está distraída, contemplando uma das fotos. É uma paisagem, um lago, e não deixa de ter seu mérito, suponho. Ela me olha com uma expressão cautelosa quando lhe entrego a taça. Dou um gole rápido na minha. Caramba, que horror, um Chardonnay quente e acarvalhado demais.

— Presta? — Ela parece fazer graça, mas não sei a que está se referindo... à exposição? Ao prédio? — O vinho — esclarece.

— Não. Raramente presta neste tipo de evento. — Resolvo mudar de assunto: — O garoto é bom, não é?

— Por que outro motivo você acha que pedi a ele para fotografar você?

Seu orgulho pelo trabalho dele é óbvio. Isso me irrita. Ela o admira e se interessa pelo seu sucesso porque gosta dele. Gosta demais. Um sentimento desagradável e amargo surge no meu peito. É ciúme, uma emoção nova que só senti com ela — e da qual não gosto nem um pouco.

— Christian Grey? — Um homem vestido como um mendigo enfia uma câmara na frente do meu rosto, interrompendo meus pensamentos sombrios. — Posso tirar uma foto, senhor?

*Malditos paparazzi.* Quero mandar ele se foder, mas resolvo ser educado. Não quero que Sam, meu assessor, tenha que lidar com uma reclamação da imprensa.

— Claro.

Estico o braço e puxo Ana para o meu lado. Quero que todos saibam que ela é minha... se me aceitar de volta.

*Não se precipite, Grey.*

O fotógrafo faz alguns cliques.

— Obrigado, Sr. Grey. — Pelo menos, parece grato. — Senhorita...? — pergunta ele, querendo saber o nome dela.

— Ana Steele — responde ela, timidamente.

— Obrigado, Srta. Steele.

Ele vai embora, e Anastasia também se afasta do meu abraço. Fico desapontado ao soltá-la, então cerro os punhos para resistir ao desejo de tocá-la outra vez.

Ela me olha com curiosidade.

— Procurei na internet por fotos suas com outras mulheres, e não existe nenhuma. É por isso que Kate achava que você era gay.

— Isso explica a pergunta indecorosa.

Não consigo conter o sorriso ao me lembrar do constrangimento dela no nosso primeiro encontro: sua falta de habilidade para entrevistas, suas perguntas. *O senhor é gay, Sr. Grey?* E a minha irritação.

Isso parece ter sido há tanto tempo... Balanço a cabeça e continuo:

— Não, eu não saio com qualquer uma, Anastasia, só com você. Mas você sabe disso.

*E eu queria muito, muito mais.*

— Então, você nunca saiu com as suas... — ela abaixa o tom de voz e dá uma olhada por cima dos ombros para conferir se não tem alguém ouvindo — submissas?

Fica pálida ao dizer essa palavra, constrangida.

— Às vezes. Mas nunca para um encontro. Para fazer compras, você sabe.

Aqueles passeios ocasionais eram só uma distração, talvez uma recompensa por um bom comportamento submisso. A única mulher com quem quis compartilhar mais... é Ana.

— Só você, Anastasia — sussurro, e quero contar meu lado da história, perguntar sobre a minha proposta, saber o que ela acha, se vai me aceitar de volta.

No entanto, a galeria é um lugar público demais. Suas bochechas exibem aquele tom rosado delicioso que adoro, e ela observa as próprias mãos. Espero que



seja porque está gostando das minhas respostas, mas não tenho certeza. Preciso tirá-la daqui e ficar sozinho com ela. Assim poderemos conversar com seriedade e comer. Quanto mais rápido virmos o trabalho do garoto, mais rápido poderemos ir embora.

— Seu amigo parece mais um cara de paisagens do que de retratos. Vamos dar uma olhada.

Estendo a mão e, para a minha alegria, ela a segura.

Caminhamos pela galeria, parando brevemente diante de cada fotografia. Por mais que eu não goste do garoto nem dos sentimentos que tem por Ana, preciso admitir que ele é muito bom. Viramos no corredor... e paramos.

Lá está ela. Sete retratos de Anastasia Steele em toda sua glória. Está estonteante de linda, natural e à vontade — rindo, fazendo careta, beicinho, pensativa, entretida, e, em um deles, melancólica e triste. Enquanto analiso os detalhes de cada fotografia, eu sei, sem sombra de dúvida, que *ele* quer ser muito mais do que um amigo.

— Parece que não sou o único — resmungo.

As fotografias são uma homenagem a ela — como cartas de amor — e estão espalhadas por toda a extensão da galeria para qualquer babaca admirar.

Ana as observa em silêncio, impressionada, tão surpresa quanto eu ao vê-las. Bem, não tem a menor chance de outra pessoa comprá-las. Eu quero as fotos. Espero que estejam à venda.

— Com licença.

Abandono Ana por um instante e me dirijo à recepção.

— Posso ajudá-lo? — diz a mulher que nos cumprimentou na chegada.

Ignorando suas piscadelas e seu sorriso provocativo, com um batom vermelho exagerado, pergunto:

— Os sete retratos pendurados lá atrás estão à venda?

Ela exibe uma expressão decepcionada, mas logo a substitui por um grande sorriso.

— A coleção Anastasia? Trabalho incrível.

*Modelo incrível.*

— Claro que estão à venda. Vou só conferir os preços — diz, entusiasmada.

— Quero todos — informo, pegando a carteira.

— Todos? — Ela fica surpresa.

— Sim.

*Mulher irritante.*

— A coleção custa quatorze mil dólares.

— Quero que sejam entregues o quanto antes.

— Mas elas devem ficar à mostra até o fim da exposição — diz ela.

*Inaceitável.*

Abro meu melhor sorriso, e ela acrescenta, afobada:

— Mas tenho certeza de que podemos resolver isso.

Ela se atrapalha ao passar meu cartão de crédito.

Quando volto para Ana, encontro um cara louro conversando com ela, tentando a sorte.

— Estas fotos estão fantásticas — diz ele.

Coloco a mão no cotovelo dela de maneira possessiva e lhe dirijo meu melhor olhar de “dê o fora agora”.

— Você é um cara de sorte — acrescenta o rapaz, dando um passo atrás.

— Sou mesmo — respondo, dispensando ele e guiando Ana para a parede.

— Você acabou de comprar uma das fotos?

Ana aponta com a cabeça para os retratos.

— Uma das fotos? — pergunto com escárnio.

*Uma? Sério?*

— Você comprou mais de uma?

— Comprei todas, Anastasia.

Sei que soo condescendente, mas nem consigo imaginar outra pessoa comprando e apreciando essas fotografias, está fora de questão. Seus lábios se entream numa expressão de surpresa, mas tento não deixar que isso me distraia.

— Não quero estranho nenhum cobiçando você na privacidade de sua casa.

— E você prefere que seja você? — retruca ela.

Sua resposta, embora inesperada, me diverte. Ela está me censurando.

— Para falar a verdade, sim — respondo no mesmo tom.

— Pervertido — articula ela sem emitir som, e morde o lábio, suspeito que para conter o riso.

*Meu Deus, ela é desafiadora, engraçada e está certa.*

— Aí está algo que não posso negar, Anastasia.

— Eu poderia desenvolver mais o assunto, mas assinei um termo de confidencialidade.

Com um olhar de desdém, ela se vira para observar mais uma vez as imagens.

E lá está ela novamente: rindo de mim e banalizando meu estilo de vida. Caramba, como eu gostaria de colocá-la no seu devido lugar... de preferência, embaixo de mim ou de joelhos. Eu me inclino para mais perto e sussurro em seu ouvido:

— As coisas que eu gostaria de fazer com essa sua boca atrevida...

— Que grosseria!

Ela fica escandalizada, exhibe uma expressão puritana, e as pontas das suas orelhas assumem um tom cor-de-rosa encantador.

*Ah, baby, isso não é novidade.*

Volto a olhar para as fotos.

— Você parece muito descontraída nessas fotografias, Anastasia. Normalmente não vejo você assim.

Ela examina os dedos de novo, hesitante, como se refletisse sobre o que dizer. Não sei no que está pensando, então estico o braço e levanto sua cabeça. Ela fica ofegante quando meus dedos tocam seu queixo.

Aquele som de novo... sinto-o na virilha.

— Querida que você se sentisse descontraída desse jeito quando está comigo. Sou esperançoso.

*Droga. Esperançoso demais.*

— Você precisa parar de me intimidar, se é isso que quer — rebate ela, me surpreendendo com a franqueza dos seus sentimentos.

— E você precisa aprender a se comunicar e a me dizer como se sente! — retruco com rispidez.

*Merda, vamos fazer isso aqui, agora?* Prefiro que seja em particular. Ela pigarreia e se empertiga.

— Christian, você queria que eu fosse uma das suas submissas — diz, mantendo a voz baixa. — É aí que está o problema. Na própria definição de submissa, que você chegou até a me mandar por e-mail uma vez. — Ela faz uma pausa enquanto me encara, irritada. — Acho que os sinônimos eram, abre aspas: dócil, agradável, passiva, dominável, paciente, amável, inofensiva, subjugada. Eu não podia olhar para você. Não podia falar, a menos que você me desse permissão. O que você esperava?

*Precisamos discutir esse assunto em particular! Por que ela está fazendo isso aqui?*

— É muito confuso estar com você — continua, em um ritmo acelerado. — Você não aceita que eu o desafie, mas gosta do meu atrevimento. Você quer obediência, exceto quando não quer, para que possa me punir. Eu simplesmente não sei como me portar quando estou com você.

Ok, entendo que possa ser confuso... Mas não quero discutir esse assunto aqui. Precisamos ir embora.

— Boa resposta, como sempre, Srta. Steele. — Meu tom de voz está gélido. — Venha, vamos comer.

— Mas nós chegamos há meia hora.

— Você já viu as fotos e já falou com seu amiguinho.

— O nome dele é José — corrige ela, mais alto dessa vez.

— Você já falou com *José*, o sujeito que, na última vez em que o vi, estava tentando enfiar a língua em sua boca hesitante enquanto você caía de bêbada e passava mal — rosno.

— Ele nunca me bateu — revida ela com um olhar furioso.

*Mas que inferno.* Ela quer *mesmo* discutir isso agora.

Não estou acreditando. *Ela me perguntou até que ponto poderíamos chegar, porra!* A raiva surge no meu peito como uma erupção no Monte Santa Helena.

— Golpe baixo, Anastasia.

Estou fervilhando. Ela fica com o rosto vermelho, e não sei se é de vergonha ou raiva. Passo as mãos no cabelo para evitar agarrá-la e arrastá-la para fora a fim de podermos continuar discutindo em particular. Respiro fundo.

— Vou levar você para comer alguma coisa. Você está prestes a desaparecer na minha frente. Ande, vá se despedir daquele garoto.

Falo pausadamente enquanto me esforço para manter a compostura, mas ela não se mexe.

— Por favor, não podemos ficar um pouco mais?

— Não. Vá se despedir dele. Agora.

Consgo não gritar. Reconheço a teimosia no seu jeito de falar. Ela está muito brava, e apesar de tudo pelo que passei nos últimos dias, não dou a mínima. Vamos embora nem que eu tenha que pegá-la no colo e carregá-la. Ela me lança um olhar de censura e se vira rapidamente, fazendo o cabelo balançar e bater no meu ombro. Em seguida, vai atrás dele.

À medida que se afasta, me esforço para recuperar o equilíbrio. O que ela tem que mexe tanto comigo? Quero repreendê-la, bater nela, fodê-la. Aqui. Agora. E nessa ordem.

Observo o lugar. O garoto — não, Rodriguez — está com um grupinho de admiradoras. Ele nota Ana, e, esquecendo-se das fãs, a cumprimenta como se ela fosse o centro do seu maldito universo. Ouve atentamente tudo o que ela diz, em seguida a ergue nos braços e gira.

*Tire suas patas gordas da minha garota.*

Ela olha de relance para mim, depois passa as mãos no cabelo de José e pressiona o rosto no dele, cochichando algo no seu ouvido. Os dois continuam conversando. De perto. Os braços dele em volta dela. E ele está saboreando cada momento, porra.

Antes que eu ao menos me dê conta do que estou fazendo, começo a andar a passos largos na direção dos dois, pronto para acabar com ele. Para sua sorte, ele a solta quando me aproximo.

— Vê se não desaparece, Ana. Ah, Sr. Grey, boa noite — murmura ele, tímido e um pouco intimidado.

— Sr. Rodriguez, muito impressionante. Uma pena que *nós* precisemos voltar para Seattle. Anastasia?

Pego a mão dela.

— Tchau, José. Parabéns mais uma vez.

Ela se inclina para longe de mim, dá um beijo carinhoso no rosto corado de Rodriguez, e quase infarto com isso. Preciso reunir todo meu autocontrole para não colocá-la sobre o ombro. Em vez disso, eu a arrasto pela mão até a porta, e vamos para fora. Ela vem tropeçando atrás de mim, tentando acompanhar meus passos, mas não ligo.

*Agora eu só quero...*

Vejo um beco. Corro até lá com ela, e antes de perceber o que estou fazendo, pressiono-a na parede. Agarro seu rosto entre as mãos, colando seu corpo no meu à medida que raiva e desejo se misturam num coquetel inebriante e explosivo. Puxo seus lábios com os meus, e nossos dentes se esbarram, mas minha língua entra na sua boca. Tem gosto de vinho barato e da deliciosa e doce Ana.

Ah, esta boca.

Eu estava com saudade desta boca.

Ela me provoca. Seus dedos estão no meu cabelo, puxando com força. Ela geme na minha boca, me dando mais acesso, e está retribuindo meu beijo, liberando a paixão que sente, a língua enroscada na minha. Provando. Recebendo. Dando.

Sua ansiedade é inesperada. O desejo irradia pelo meu corpo, como um incêndio florestal se alastrando pelo mato seco. Estou tão excitado... Eu a quero agora, aqui, neste beco. E o que eu pretendia que fosse um beijo de punição, de marcação de território, torna-se algo diferente.

Ela quer a mesma coisa.

Também sentiu saudade.

E isso é mais do que excitante.

Gemo em resposta, desarmado.

Com uma das mãos, seguro sua nuca enquanto nos beijamos. A mão livre passeia pelo seu corpo, e me familiarizo outra vez com suas curvas: seu peito, sua cintura, sua bunda, sua coxa. Ela geme quando meus dedos alcançam a barra do vestido e começam a puxá-lo para cima. Meu objetivo é arrancá-lo, fodê-la aqui. Torná-la minha outra vez.

*A sensação de tocá-la.*

É inebriante, e eu a quero como nunca.

Ao longe e através da neblina do meu tesão, ouço uma sirene de polícia.

*Não! Não! Grey!*

*Assim não. Controle-se.*

Eu me afasto, olhando para ela de cima, ofegante e furioso para cacete.

— Você. É. Minha! — rosno, e me afasto à medida que recupero a razão. — Pelo amor de Deus, Ana.

Eu me curvo, as mãos nos joelhos, tentando recobrar o fôlego e acalmar meu corpo em convulsão. A ereção que ela provocou em mim chega a ser dolorosa.

Alguém já me afetou deste jeito? Alguma vez?

*Caramba!* Quase trepei com ela em um beco.

Isso é ciúme. É esta a sensação: de ter as entranhas arrancadas, de perder todo o controle. Não gosto. Não gosto nem um pouco.

— Sinto muito — diz ela com a voz rouca.

— Acho bom. Eu sei o que você estava fazendo. Você quer aquele fotógrafo, Anastasia? Ele obviamente sente algo por você.

— Não. — Sua voz é suave e ofegante. — Ele é só um amigo.

Pelo menos, ela parece arrependida, o que ajuda a me acalmar um pouco.

— Passei toda a minha vida adulta tentando evitar emoções extremas. Mas você... você desperta sentimentos em mim que me são completamente desconhecidos. É muito... — Fico sem palavras. Não consigo encontrar vocabulário para descrever o que sinto. Estou descontrolado e perdido. — Perturbador. — É o melhor que consigo. — Eu gosto de ter controle, Ana, mas com você isso... — eu olho para ela de cima — desaparece.

Seus olhos estão repletos de promessas carnais, e seu cabelo está bagunçado e sexy, na altura dos seios. Esfrego a nuca, grato por ter recuperado algum autocontrole.

*Olhe como fico perto de você, Ana. Está vendo?*

Passo a mão no cabelo, respirando fundo para tentar clarear os pensamentos. Pego sua mão.

— Venha, nós precisamos conversar.

*Antes de eu poder você.*

— E você precisa comer.

Tem um restaurante perto do beco. Não é o que eu escolheria para um reencontro, se é isso que estamos tendo, mas vai servir. Vai ter que ser rápido. Taylor vai chegar logo.

Abro a porta para ela.

— Isto vai ter de servir. Não temos muito tempo.

O restaurante parece ter como foco o público da galeria, e talvez estudantes. É irônico que as paredes sejam da mesma cor que o meu quarto de jogos, mas logo afasto esse pensamento.

Um garçom simpático nos conduz até uma mesa em um lugar reservado. Ele é só sorrisos para Anastasia. Dou uma olhada no cardápio escrito em um quadro-negro na parede e decido fazer o pedido antes de o garçom se afastar, mostrando que estamos com pressa.

— Dois bifés ao ponto, molho béarnaise, se você tiver, batatas fritas e legumes cozidos, qualquer um que tiver na cozinha. E traga a carta de vinhos.

— Claro, senhor — diz ele, saindo apressado.

Ana aperta os lábios, irritada.

*O que foi desta vez?*

— E se eu não gostar de bife?

— Não comece, Anastasia.

— Não sou criança, Christian.

— Então pare de agir como uma.

— Então eu sou uma criança porque não gosto de bife?

Ela não esconde sua petulância.

*Não!*

— Você é uma criança por causar ciúmes em mim deliberadamente. É uma coisa infantil de se fazer. Você não tem consideração pelos sentimentos do seu amigo, usando-o daquele jeito?

Ela enrubesce enquanto observa as próprias mãos.

Sim. Você deveria sentir vergonha. Está confundindo o garoto. Até eu percebo isso.

Será que está fazendo a mesma coisa comigo? Só me iludindo?

Durante o tempo que passamos separados, talvez finalmente ela tenha percebido que tem poder. Poder sobre mim.

O garçom retorna com a carta de vinhos, o que me dá a chance de recuperar a calma. A seleção é modesta: só há um vinho bebível no menu. Olho para Anastasia, que está emburrada. Conheço essa expressão. Talvez ela quisesse ter escolhido o próprio prato. Não consigo resistir a brincar com ela, sabendo que não entende quase nada de vinho.

— Gostaria de escolher o vinho? — pergunto, ciente de que sou sarcástico.

— Escolha você — responde ela, com os lábios comprimidos.

*Isso aí. É melhor não brincar comigo, baby.*

— Duas taças de Barossa Valley Shiraz, por favor — digo ao garçom, que aguarda.

— Hum... nós só vendemos esse vinho pela garrafa, senhor.

— Uma garrafa, então.

*Seu babaca idiota.*

— Certo.

Ele se afasta.

— Você está muito mal-humorado — diz ela, sem dúvida com pena do garçom.

— Eu me pergunto o motivo.

Mantenho a expressão neutra, mas até aos meus próprios ouvidos sou *eu* que agora pareço infantil.

— Bem, é bom definir o tom adequado para uma discussão íntima e sincera a respeito do futuro, não acha?

Ela me dá um sorriso sentimental.

*Ah, olho por olho, Srta. Steele.* Ela me desafiou outra vez, e não deixo de admirar sua coragem. Percebo que essa disputa não vai nos levar a lugar algum.

E estou sendo um idiota.

*Não acabe com suas chances, Grey.*

— Desculpe — digo, porque ela está certa.

— Está desculpado. E fico muito feliz de informar que não resolvi virar vegetariana desde a nossa última refeição.

— Considerando que *aquela* foi a última refeição que você fez, acho que essa é uma questão a ser discutida.

— E temos mais uma “questão a ser discutida”.

— Uma questão a ser discutida — repito sem emitir som.

*Sim, essa expressão.* Lembro-me de tê-la usado pela última vez enquanto discutíamos nosso acordo na manhã de sábado. O dia em que meu mundo caiu.

*Porra. Não pense nisso. Seja homem, Grey. Diga a ela o que quer.*

— Ana, na última vez em que conversamos, você me deixou. Estou um pouco nervoso. Eu disse a você que a quero de volta, e você não disse... nada.

Ela morde o lábio e fica pálida.

*Ah, não.*

— Senti sua falta... de verdade, Christian — diz, baixinho. — Os últimos dias têm sido... difíceis.

*Difícil é eufemismo.*

Ela engole em seco e respira fundo. Isso não parece um bom sinal. Talvez meu comportamento durante a última hora finalmente a tenha afastado. Fico tenso. Aonde ela quer chegar?

— Nada mudou. Eu não posso ser o que você quer que eu seja.

Sua expressão é sombria.

*Não. Não. Não.*

— Você é o que eu quero que você seja.

Você é tudo o que eu quero que você seja.

— Não, Christian, eu não sou.

Ah, baby, por favor, acredite em mim.

— Você está chateada por causa do que aconteceu da última vez. Eu fui estúpido, e você... você também. Por que você não usou a palavra de segurança, Anastasia?

Ela fica surpresa, como se não tivesse pensado nisso antes.

— Responda — peço.

Isso vem me assombrando. *Por que você não usou a palavra de segurança, Ana?*

Ela se curva na cadeira. Triste. Derrotada.



— Eu não sei — sussurra.

O quê?

O QUÊ?

Fico sem palavras. Venho me sentindo mal para caramba porque ela não usou a palavra de segurança. Mas, antes de eu me recuperar, as palavras começam a sair da sua boca. Em tom baixo, suave, como se estivesse em um confessionário, como se sentisse vergonha.

— Foi demais para mim. Eu estava tentando ser o que você queria que eu fosse, tentando lidar com a dor, e a palavra sumiu da minha cabeça. — Seu olhar está vazio, e ela dá levemente de ombros como se pedisse desculpas. — Sabe... eu esqueci.

*Mas que inferno.*

— Você esqueceu!

Estou em choque. Passamos por essa merda toda porque ela *esqueceu*?

Não estou acreditando. Eu me agarro à mesa para me prender ao presente enquanto absorvo essa informação alarmante.

Será que eu lhe lembrei as palavras de segurança? *Meu Deus*. Não me recordo. O e-mail que Ana me mandou na primeira vez que bati nela me vem à memória.

Ela não me interrompeu daquela vez.

*Sou um idiota.*

Eu deveria ter lhe lembrado.

Espere aí. Ela sabe que existem palavras de segurança. Lembro que disse isso mais de uma vez.

— *Não temos um contrato assinado, Anastasia. Mas já discutimos limites. E quero reiterar que temos palavras de segurança, tudo bem?*

*Ela pisca algumas vezes, mas permanece calada.*

— *Quais são?* — *pergunto em tom autoritário.*

*Ela hesita.*

— *Quais são as palavras de segurança, Anastasia?*

— *Amarelo.*

— *E?*

— *Vermelho.*

— *Lembre-se delas.*

*Ela ergue uma sobrancelha no que obviamente é uma atitude de escárnio e está prestes a dizer algo.*

— *Não comece com suas gracinhas aqui, Srta. Steele. Senão vou te foder ajoelhada. Entendeu?*



Reviva a paixão de *Cinquenta tons mais escuros* pela perspectiva de Christian Grey e descubra os pensamentos, reflexões e sonhos do jovem milionário que arrebatou o coração de milhões de fãs no mundo inteiro.

### **ATRAÍDO PELA JOVEM, INEXPERIENTE E TÍMIDA**

Anastasia Steele, Christian Grey finalmente se permite viver um relacionamento, mas não abre mão de suas práticas eróticas peculiares. Contudo, por mais forte que seja o amor do casal, isso acaba assustando Ana e os levando ao fim do namoro.

Ficar afastado dela, no entanto, é mais difícil do que Christian pensava — ele não resiste aos impulsos de procurá-la. Ana cede aos seus encantos, e os dois retomam o tórrido romance, ao mesmo tempo que se esforçam para encontrar um equilíbrio que satisfaça a ambos. Mas Christian será surpreendido com o retorno perigoso de uma mulher que já ocupou seu coração e sua cama.

#### CONTEÚDO ADULTO

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)  
[www.twitter.com/intrinseca](http://www.twitter.com/intrinseca)  
[www.cinquantatonsdecinza.com.br/grey](http://www.cinquantatonsdecinza.com.br/grey)

MAIS ESCURO

ISBN 978-85-510-0283-4



9 788551 002834